

A porta bateu e ela saiu. “Preciso pensar”, havia dito, entre lágrimas antes de acrescentar um “desculpa”. Ele sabia. Entendia. Não conseguiria, claro, se colocar no lugar dela. Afinal, havia mesmo algumas diferenças entre eles. Diferenças que foram crescendo e se tornando mais aparentes com o passar do tempo. Havia semelhanças também, obviamente, mas estas, no momento, lhe pareciam bem menos relevantes do que o resto. Relevante. Palavra interessante. “Rima com importante”, sussurrou o poeta dentro dele, rascunhando mentalmente um verso para um poema que jamais seria escrito. Fechou os olhos e sussurrou, entre os lábios fechados:

Nem tudo é relevante
Quando não se é suficientemente importante

Não sabia como continuar. A ideia lhe escapara e no momento não se sentia preparado para persegui-la. Por vezes isso acontecia, as ideias lhe fugiam e ele não se sentia com força para continuar correndo atrás delas. Como mulheres furtivas elas o espreitavam, seus sorrisos radiantes insinuando recompensas entre olhares significativos. “Vem me pegar”, elas pareciam dizer. Ele se sentia, por vezes, tremendamente tentado. Eventualmente não resistia e perseguia-as, impressionado com a própria energia ao fazê-lo. De onde aquela vontade toda que fazia as ideias saltarem do seu cérebro, correr por seus braços e mover a caneta no papel? Ou os dedos pelo teclado? Não fazia ideia, mas sabia como se sentia: bem. Vivo. Experimentava algo como o que o calor da caçada, o prazer da perseguição, a glória da conquista. Conquista. Palavra estranha para ele, alguém tão pouco afeito à ideia da conquista. Talvez por isso mesmo perseguia as ideias com tanto afinco e disposição: sabia que no final de tudo não haveria nada a ser conquistado. Conhecia a natureza, a própria essência das ideias. Conhecia-as no sentido bíblico. Sabia que sua materialidade assemelhava-se à fumaça. As ideias pareciam desmanchar-se em suas mãos quando ele, afinal, as alcançava. Desvaneciam-se, vaporosas, deixando em suas mãos não a sólida sensação de agarrar algo, mas antes uma leve insinuação de perfume, mais um lembrete do que uma lembrança. Menos do que uma recordação.

Sorriu. Recordações. Milhares delas percorreram sua mente enquanto os olhos vagavam pela sala. Incontáveis pequenos instantâneos da sua vida, curiosamente revestidos de com uma aparência de felicidade agora. A maioria deles, quando aconteceram, não pareceram assim tão especiais. Agora talvez desse tudo o que possuía ou viria a possuir para vivê-los outra vez. Teriam realmente acontecido? Ou seriam somente mais um truque da sua mente? A insinuação de um riso levemente debochado pareceu percorrer o seu rosto. “Mais fumaça”, ele pensou enquanto tentava mergulhar na essência dos seus sentimentos. Essência. Outra palavra forte. “A essência do nosso amor”, ele dissera algumas horas antes, ao conversar com ela. Mais fumaça? Não sabia a resposta, supondo-se que existisse alguma. Ou apenas alguma, assim, sozinha, já que certamente muitas respostas são cabíveis e nada mais do que isso. Ou possíveis, já que a resposta correta parece, muitas vezes, impossível à primeira vista. Depois mudam... ou mudamos nós?

Balançou a cabeça, com um gesto contrariado. “Sempre procurando respostas”, criticou-se. Sabia que o importante eram as perguntas mas, ainda assim não resistia a uma incursão no terreno das conjecturas. Afundava-se, perdia-se nelas. Desesperava-se e, ao final, desistia por puro cansaço. Voltava diferente cada vez, um pouco, ao menos. Mudanças imperceptíveis a curto prazo. Por vezes percebia o quanto isso o fazia diferente: não era o mesmo homem de um ano atrás. Em algumas coisas quase não se reconhecia. Em outras era sempre o mesmo. E talvez por isso ela saía pela porta.

Suspirou. Bom, disso tinha certeza: ela saía mesmo pela porta. Se ela voltaria ou não ele, sinceramente, não saberia dizer. Alimentava uma atitude pragmática com relação à vida e sabia que continuaria assim: se ela precisava pensar, então deixaria espaço e tempo para que ela fizesse isso como melhor lhe aprouvesse. Nada tinha para fazer a respeito. Não mais, pelo menos. Ela que pensasse por si mesma. Afinal, é sempre assim que as coisas acontecem, no fim das contas.

Tentou refazer mentalmente o poema que começara a escrever, mas novamente a ideia lhe escapou... rimava duas coisas importantes... relevantes? Não sabia mais. Certa feita tentou manter um caderno por perto, para anotar essas pequenas coisas que lhe ocorriam, mas desistiu da ideia. Perdia o caderno sempre ou então as anotações lhe pareciam desconexas, sua letra já ruim tornada totalmente ilegível pela pressa em fazer a inspiração fixar-se na forma de palavras no papel. Impossível aprisionar sentimentos assim. Como não conseguia escrever, fechou os olhos e falou em voz alta:

“A verdadeira poesia
Não se escreve em versos
Com tinta ou sangue.
A verdadeira poesia se faz com lágrimas
Suor, esperma
Meus sucos misturados ao teu
Matéria gerando alma, vida
E amor
Ardor
Felicidade”

Abriu os olhos, frustrado. Jamais conseguiria lembrar das palavras para escrevê-las em algum lugar ou tatuar na pele. Olhou para porta e balançou a cabeça. Ela saía por ali. E ainda que voltasse não ouviria o que ele tinha para dizer. Sua inspiração também viraria fumaça. Como tudo.